

# MEMÓRIAS<sup>1</sup>

## *MEMORIES*

Túlio César Dias<sup>2</sup>

A presente obra constitui-se de um livro de memórias. Traduz as impressões do autor sobre os principais acontecimentos mundiais do século XX com especial destaque a “Construção da Unidade Europeia”.

Está dividida em duas partes. A primeira parte é intitulada de: “Fracasso à Força”, sendo subdividida em oito capítulos que retratam desde o final do século XIX, nascimento e infância do autor, até o ano de 1943, final da Segunda Guerra Mundial. A segunda parte tem o título: “O Tempo da União”. Subdividi-se em treze capítulos que retratam desde o final da Segunda Guerra Mundial, com o restabelecimento da paz, até a criação do Conselho Europeu, período entre 1972 e 1975.

As primeiras informações da obra dão conta que Jean Omer Marie Gabriel Monnet nasceu em Cognac (França) em 9 de novembro de 1888, e faleceu em Houjarray (França) em 16 de março de 1979.

Bastante influenciado por seus pais, teve uma infância séria e disciplinada. Avesso à ciência livresca, sempre buscou um conhecimento que pudesse ser aplicado em questões práticas. Por viver seus primeiros anos numa cidade com forte vocação mercantil (berço da bebida Cognac), fez do comércio sua primeira e maior escola para a vida. Na infância e juventude aprendeu a aceitar e admirar a diversidade de culturas quando seus pais recebiam em sua casa, por falta de hotéis na pequena cidade, comerciantes de todo o mundo.

Ainda em razão da atividade comercial viajou por vários países e percebeu a necessidade de aprender a língua, os hábitos e a forma de pensar dos outros povos. Morou dois anos na Inglaterra com este objetivo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, período em que iniciou a vida pública, trabalhou em Londres como delegado do governo francês para coordenar a cooperação econômica entre os aliados. Em 1919, participou na criação da Sociedade das Nações, da qual foi Secretário Geral adjunto.

Durante a Segunda Guerra Mundial presidiu o Comitê de Coordenação Franco-Britânico para a partilha dos recursos aliados. Retido em 1943 em Argel, com a sua pátria ocupada pelas tropas alemãs, Monnet semeou aí os seus ideais europeístas. Quando acabou a guerra foi nomeado comissário do Plano de Reconstrução e Recuperação Econômica de França.

Em 1950, sugeriu ao Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schuman, a ideia de integrar a produção francesa e alemã de carvão e aço. A proposta oficial do Ministro, o Plano Schuman, levou finalmente à constituição da Comunidade Econômica do Carvão e o Aço em 1952. O primeiro passo sério no caminho da unidade europeia. Monnet foi eleito presidente da Alta Autoridade que dirigiu a CECA.

A segunda parte do plano idealizado por Monnet era muito mais ambiciosa e ia muito mais longe na integração e na unidade política: a Comunidade Europeia da Defesa (CED). O veto do parlamento francês em 1954 é visto como primeiro fracasso importante no processo da unidade e levou a que Monnet renunciasse a ser reeleito à frente da CECA.

Imediatamente depois, continuou o seu trabalho e fundou, em 1955, o “Comitê de Ação para os Estados Unidos da Europa”, comitê que foi finalmente dissolvido em 1975. Em 1976, o Conselho de Chefes de Estado e Governo da CEE, reunido em Luxemburgo, decidiu outorgar-lhe o título de “Cidadão Honorário da Europa”.

Plantou o germe de uma Europa unida e trabalhou até seus últimos dias na efetivação deste ideal.

Pela abordagem feita por Monnet compreende-se que à Europa da metade do século XX, num contexto de completa destruição econômica do pós-guerra, só restava se unir ou aceitar ser o quintal periférico do capitalismo dos Estados Unidos, país que fomentara sua reconstrução.

Do lado oposto se via a pressão do socialismo soviético que representava um sistema mais igualitário, porém, também perverso por não respeitar as liberdades.

Como bem destacado na obra, a economia não era, neste contexto, apenas um problema de bem-estar; era a condição de independência nacional e da manutenção da democracia.

Somado ao quadro anterior, o autor apresenta uma Europa estruturada no ódio e na revanche. O final de uma guerra no Continente Europeu representava apenas o tempo de a nação vencida recompor-se para revidar.

A Alemanha era o divisor de águas. Anteriormente estopim da Primeira e Segunda Guerra Mundial, agora era objeto do desejo dos dois sistemas econômicos vigentes.

A reestruturação alemã era a condição para barrar o crescimento dos ideais do Leste. Por outro lado, representava a ameaça de ressurgimento da potência industrial e bélica que não respeitara fronteiras.

Percebeu-se fundamental buscar uma fusão de interesses dos povos europeus e não simplesmente a manutenção de equilíbrio de seus interesses. Por isso, como já referido, os primeiros passos de entendimento deveriam ser dados na questão do carvão e do aço, estratégicos tanto para a produção industrial civil como a armamentista.

Neste processo, entre avanços e retrocessos, a concepção fechada de soberania que levou as duas devastadoras Guerras Mundiais passa a ser reinventada.

Uma obra comum deveria ser realizada, não para negociar vantagens, mas para buscar a vantagem de um país somente quando houvesse a vantagem comum (de outros países ou povos).

Para Monnet fica claro que não se podia esperar conhecer os problemas do outro antes de estar certo de que se dava o mesmo sentido às palavras e que se usavam as mesmas significações. O fundamental era conseguir que parte a parte vissem as questões do mesmo ponto de vista e se dedicassem a uma obra comum.

A convivência pacífica e o desenvolvimento conjunto não se deram por imposição de forças ou pela diplomacia (sempre ligada à representação de um país). O responsável foi um método que se propunha a mudar a maneira de pensar, transformando as próprias causas de rivalidade. Assim, o que separava os homens podia tornar-se comum a eles em toda parte do mundo.

Compreendeu-se que a experiência de união dos europeus não era apenas importante para eles, tinha um valor de exemplo para outros povos e esta era uma razão adicional para levá-la a cabo.

A Europa conseguiu estruturar-se e trouxe enormes benefícios para seus membros e um grande exemplo para o mundo, assim como desejou Monnet. Todavia, esta mesma Europa se vê hoje desprovida de um mote comum, como outrora foi a paz.

O Velho Continente começa a desintegra-se como projeto político, social e humano. À medida que se expande e oferece a seus membros vários níveis de adesão, à escolha de cada um, perde seus objetivos.

O que coube a Jean Monnet propor e construir efetivamente o fez; pela coerência de seus atos e defesa de seus ideais é admirado por europeus e não europeus.

À Europa dessas “Memórias”, por outro lado, cabe se reinventar e buscar um novo motivo para existir.

## Notas

- <sup>1</sup> MONNET, Jean, 1888-1977. **Memórias**. Trad. de Ana Maria Falcão, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1996.
- <sup>2</sup> Mestrando em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da UNIVALI. Advogado e Especialista em Direito Constitucional pela CESUSC (Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina). *E-mail*: tuliocd@hotmail.com